

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

30



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2021



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

30

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues



Centro de História da Universidade de Lisboa

2021



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Bruno dos Santos, Catarina Pinto Fernandes, Joana Pinto Salvador Costa, Maria de Fátima Rosa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Revisão Editorial | Copy-Editing

Bruno dos Santos, Joana Pinto Salvador Costa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactional Committee

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elsa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Alberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles), Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra) Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svärd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa).

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Antonio Laprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Armando Bramanti (CCHS-CSIC), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Catarina Viegas (Universidade de Lisboa), Dávid Bartus (Eötvös Loránd University), David Hernandez de la Fuente (Universidad Complutense de Madrid), Delfim Ferreira Leão (Universidade de Coimbra), Giuseppe Minunno (Università di Genova / Università di Firenze), Gustavo Alberto Vivas García (Universidad de La Laguna), José Luís Brandão (Universidade de Coimbra), Jean-Pierre Levet (Université de Limoges), Juan Luis Montero Fenollós (Universidad da Coruña), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Mireia López-Bertran (Universitat de València), Pedro Albuquerque (Universidade de Lisboa), Ricardo Duarte (Universidade de Lisboa), Roberto Nardi (Centro di Conservazione Archeologica).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2021

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15.00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



This work is funded by national funds through FCT – Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

- 11 UN RILIEVO DALLA TOMBA MENFITA DI PTAHMES E LE TRATTATIVE FALLITE
PER LA VENDITA A LEOPOLDO II DELLA TERZA COLLEZIONE NIZZOLI

*A RELIEF FROM THE MEMPHITE TOMB OF PTAHMES AND THE FAILED
NEGOTIATIONS FOR THE SALE OF THE THIRD NIZZOLI COLLECTION TO LEOPOLD II*

Daniela Picchi

- 39 OS EPIGRAMAS FÚNEBRES DE GREGÓRIO DE NAZIANZA
Da Klea Andron à Arete Cristã

THE FUNERAL EPIGRAMS OF GREGORY OF NAZIANZUS

From Klea Andron to Christian Arete

Rita Codá

51 ESTUDOS

ARTICLES

- 53 O ESCORPIÃO COMO ANTIGA MANIFESTAÇÃO DIVINA
NA MESOPOTÂMIA:
A sua presença na glíptica do Diyala (c. 3150-2340 a.C.)

*THE SCORPION AS AN ANCIENT DIVINE MANIFESTATION IN MESOPOTAMIA:
Its presence in the Diyala glyptic (c. 3150-2340 a.C.)*

Vera Gonçalves e Isabel Gomes de Almeida

- 81 OS CITAS NAS HISTÓRIAS DE HERÓDOTO:
Identidade e nomoi

THE SCYTHIAN IN HERODOTUS STORIES:

Identity and nomoi

Rui Tavares de Faria

- 105 LA INCORPORACIÓN DEL ELEFANTE DE GUERRA EN CARTAGO

THE INCORPORATION OF THE WAR ELEPHANT IN CARTHAGE

José Luis Alejo Martínez

- 123 STOICISM IN POWER:
Nero and his reflective enigmas
ESTOICISMO NO PODER:
Nero e os seus enigmas reflexivos
Carlotta Montagna
- 141 L'HYMNE ORPHIQUE À APOLLŌN
ET LA DATATION DES HYMNES ORPHIQUES:
Considérations archéoastronomiques et comparaisons égyptologiques
THE ORPHIC HYMN TO APOLLO AND THE DATING OF THE ORPHIC HYMNS:
Archaeoastronomical considerations and egyptological comparisons
Alicia Maravelia
- 191 CONTRIBUTION À LA CONNAISSANCE DE LA VILLE DE THALA NUMIDE:
Contexte géo-historique
CONTRIBUTION TO THE KNOWLEDGE OF THE NUMIDIAN CITY OF THALA:
Geo-historical context
Ouiza Ait Amara

217 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

221 RECENSÕES

REVIEWS

283 IN MEMORIAM

289 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES




**ESTUDOS
ARTICLES**

O ESCORPIÃO COMO ANTIGA MANIFESTAÇÃO DIVINA NA MESOPOTÂMIA:


A sua presença na glíptica do Diyala (c. 3150-2340 a.C.)

*THE SCORPION AS AN ANCIENT DIVINE
MANIFESTATION IN MESOPOTAMIA:
Its presence in the Diyala glyptic (c. 3150-2340 a.C.)*

Vera Gonçalves

CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa
vera1cg96@gmail.com |  <https://orcid.org/0000-0003-4851-7079>

Isabel Gomes de Almeida

CHAM & DH, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa
isalmeida@fcsh.unl.pt |  <https://orcid.org/0000-0001-5954-4959>

proposta: 29-12-2020 | aceitação: 30-04-2021
submission acceptance

Resumo: O escorpião foi um símbolo zoomórfico profusamente representado na arte mesopotâmica, no tempo longo, encontrando-se associado a ideias de renovação, abundância e fertilidade. A sua natureza ctónica, assim como a sua ligação à constelação homónima, estabelecida desde cedo, dotaram este símbolo de profundas significâncias religiosas. Contudo, tradicionalmente, a historiografia tende a identificá-lo como símbolo divino, apenas a partir do II milénio a.C., como manifestação da deusa Išhara.

Recentes propostas académicas, porém, consideram que a insistência na presença de símbolos (fitomórficos, zoomórficos, astrais ou de outros objectos) nas fontes da “terra entre os rios” pode significar uma forma alternativa para representar as divindades mesopotâmicas, ultrapassando o mero valor de atributo ou emblema das mesmas.

Partindo destes pressupostos, e continuando o trabalho que temos vindo a desenvolver sobre a simbologia divina na glíptica do Diyala, propomos visitar a presença deste animal, em exemplares datados para os períodos de Jamdat Nasr e Dinástico Inicial, focando especialmente no diálogo que o mesmo estabelece com os outros elementos iconográficos representados, assim como com os contextos específicos onde os objectos foram exumados. Esperamos, assim, que este estudo possa contribuir para a discussão em curso sobre as manifestações divinas mesopotâmicas.

Palavras-chave: símbolos divinos; divindades astrais; divindades ctónicas, Jamdat-Nasr; Dinástico Inicial.

Abstract: The scorpion was a zoomorphic symbol profusely depicted in Mesopotamian art, throughout time, being associated with ideas of renovation, abundance and fertility. Its chthonic nature, as well as its connection with the homonymous constellation, which was established very early, bestowed it with profound religious significances. Yet, researchers tend to only identify the scorpion as a divine symbol from the 2nd millennium BC onwards, as a manifestation of the goddess Išhara.

Recent academic proposals, however, consider that the insistence in representing symbols (whether phytomorphic, zoomorphic, astral or other objects) in Mesopotamian data might signify another way to depict deities themselves. Hence, these symbols clearly surpass the common value as *just* divine attributes or emblems.

Based on these assumptions, and in line with the work we have been developing, about the divine symbology in the Diyala glyptic, we propose to revisit the presence of this animal in cylinder seals dated to the Jamdat-Nasr and Early Dynastic periods, focusing mainly in the dialogue it establishes with the other iconographic elements depicted, as well as the specific archaeological contexts in which the seals were exhumed. We hope, therefore, to contribute to the ongoing discussion about the Mesopotamian divine manifestations.

Key-words: divine symbols; astral deities, chthonic deities, Jamdat-Nasr; Early Dynastic period

Introdução

O debate em torno das múltiplas formas como os mesopotâmios conceberam os seus deuses tem-se afirmado, nas últimas décadas, como particularmente interessante, já que a interligação de várias tipologias de fontes e de análises baseadas na interdisciplinaridade têm oferecido uma reflexão renovada sobre este tema.¹ Esta interligação afirma-se como imperativa, especialmente na convocação dos símbolos das divindades, dado que as elaborações iconográficas começaram por preceder as textuais, tendo, depois, acompanhado as mesmas, no tempo longo.² Neste sentido, os símbolos divinos podiam, então, afirmar-se como uma manifestação dos próprios deuses, expressando funções e atributos que conhecemos através das composições mítico-literárias, sendo que alguns destes podiam até ser mais antigos e/ou menos explorados nestas fontes.

De facto, os diversos contributos que aliam a análise de fontes materiais e iconográficas com as textuais, assim como os pressupostos teórico-metodológicos da História das Religiões, da Arqueologia e da História de Arte, permitiram já iden-

1 Note-se que, ao longo do século XX, o foco académico nas fontes textuais mesopotâmicas, onde as divindades são maioritariamente descritas com características e comportamentos antropomórficos, levou a que se considerasse que os habitantes da “terra entre os rios” concebiam os seus deuses primeiramente e sistematicamente com forma humana, embora exponenciada. Acerca desta posição, veja-se, por exemplo, Jacobsen (1976), Lambert (1990) e Bottéro (1998; 2004).

2 Ornan 2005, 11.

tificar um forte protagonismo das formas não antropomórficas (quer em termos zoomórficos, fitomórficos, astrais ou de outros objectos) na concepção do divino mesopotâmico, em termos diacrónicos.³ É, então, a partir destes pressupostos que nos propomos visitar um símbolo zoomórfico específico, o escorpião, com vista a apresentar um estudo preliminar sobre a possibilidade de este animal ter sido entendido como uma manifestação divina, numa cronologia recuada, entre os períodos de Jamdat Nasr (c. 3150-2900 a.C.)⁴ e Dinástico Inicial (c. 2900-2340 a.C.).⁵

No tempo longo, o escorpião foi um animal profusamente retratado na iconografia mesopotâmica,⁶ parecendo ter sido encarado como símbolo apotropaico e de fertilidade/abundância, malgrado a sua natureza perigosa.⁷ Para tal, pode ter contribuído a transformação simbólica do seu comportamento, nomeadamente no que diz respeito ao seu complexo ritual de acasalamento, assim como à acção protectora das fêmeas, relativamente às suas crias.⁸ Simultaneamente, ao ser um animal ctónico, também foi associado a ideias de renovação, tal como aconteceu,

-
- 3 Como Vanstiphout (2009, 28) sublinha, a individualidade e unicidade dos deuses mantinham-se preservadas, independentemente da forma/manifestação que os mesmos adoptavam. Acerca destas recentes interpretações, veja-se os restantes contributos em Porter (2009), como por exemplo “The stars their likeness: perspectives on the relation between celestial bodies and gods in ancient Mesopotamia”, por F. Rochberg e “Blessings from a crown, offerings to a drum: were there non-anthropomorphic deities in ancient Mesopotamia”, por B.N. Porter; assim como a obra de Ornan (2005).
- 4 Seguimos a cronologia média, como proposta por Brisch (2013).
- 5 Tradicionalmente, tanto em termos históricos como estilísticos, o período Dinástico Inicial é subdividido em três grandes momentos, o I (c. 2900-2750 a.C.), o II (2750-2600 a.C.) e o III (c. 2600-2340 a.C.), doravante identificados como DI I, DI II e DI III.
- 6 Já na década de 1930, Van Buren apresentou uma síntese magistral sobre a profícua presença deste animal na arte mesopotâmica, que abrange exemplares datados desde os períodos neolíticos até ao I milénio a.C., tendo mesmo afirmado: “Of all the many symbols represented in Mesopotamian art there is none, with the single exception of the serpent, which appears as frequently as the scorpion.” (1937, 1). De facto, a sua presença como elemento decorativo e simbólico afirma-se não só em termos diacrónicos, como também numa vasta dispersão geográfica. A título de exemplo, refira-se o uso do escorpião no material cerâmico identificado em Samarra e em Eridu, datado para o V milénio a.C.; assim como a sua presença nos espólios cerâmicos e de glíptica dos arqueossítios de Tepe Gawra, Tell Fara (antiga Šuruppak) e Tello (antiga Girsu), para os períodos de Jamdat Nasr e Dinástico Inicial (Van Buren 1937, 7-8; Pizzimenti 2019, 762-763).
- 7 Segundo Gilbert (2002, 41), várias eram as espécies de escorpiões presentes no Próximo e Médio Oriente Antigo, cuja ferroada venenosa representava perigo para as comunidades humanas, a saber *Androctonus australis*, *A. Crassicauda*, *Buthus occitanus* e *Leiurus quinquestriatus*. A sua associação a doenças e, por isso, a práticas mágico-medicinais seria então natural. Contudo, esta associação encontra-se atestada, de forma mais sistemática, a partir do II milénio a.C., sendo que até então o seu valor apotropaico parece ter ofuscado a sua dimensão perigosa (Van Buren 1937, 1; Gilbert 2002, 42).
- 8 “Mating scorpions engage in a strange dance, or *promenade a deux*, in which the two clasp pedipalps while the male leads the female about. The dance may last up to an hour or more and cover several meters until the male finds a suitable patch of ground to deposit a sticky spermatophore, over which he then pulls the female. Gestation among [them] ... ranges from five to twelve months, and litter size varies from one to several dozen. Female scorpions bear live young, then protect and care for them until at least their first molt.” (Gilbert 2002, 42).

desde muito cedo, com outros animais com características semelhantes.⁹ Embora se admita a sua simbologia religiosa como ancestral, a historiografia tende a identificar o escorpião como animal-símbolo divino, nomeadamente da deusa *Išhara*,¹⁰ apenas a partir do II milénio a.C..¹¹ No entanto, e tendo em conta as referidas propostas que postulam a possibilidade de símbolos, tradicionalmente identificados como apenas atributos dos deuses, representarem, de facto, as próprias entidades divinas,¹² parece-nos que a ancestral e profícua presença do escorpião na iconografia mesopotâmica pode já apontar para o seu entendimento enquanto manifestação divina (de *Išhara* e/ou de outras divindades). Assim, e dando continuidade ao trabalho que temos vindo a desenvolver nos últimos anos, focado na análise, em longa duração, das representações simbólicas do divino na glíptica do Diyala,¹³ seleccionámos um

9 Por exemplo, Breniquet (2002, 164) refere esta simbologia ctônica para a cobra/serpente, durante o período de 'Ubaid (VI/V milénios a.C.).

10 A deusa *Išhara* tutelava, transversalmente, a sexualidade e, por isso, a fertilidade/abundância, num sentido lato. O seu culto encontra-se atestado para, pelo menos, a primeira metade do III milénio a.C., nas regiões do Norte da actual Síria e Sul da Anatólia, sendo que, na mesma época, era a divindade feminina mais importante na cidade de Ebla. Ao longo do II milénio a.C., assumiu um forte protagonismo nos panteões hurritas e hititas, com funções ligadas à justiça, às doenças e à transmissão oracular. No que diz respeito ao território mesopotâmico, esta divindade parece ter tido uma presença originalmente mais forte no território do Médio Eufrates, tendo chegado ao sul da Mesopotâmia, sobretudo, a partir do período Acádico (c. 2340-2200 a.C.). Aliás, foi a partir desta época que as fontes passaram a manifestar maiores evidências de processos sincréticos com *Inanna/Ištar*, passando *Išhara* a ser entendida como uma hipótese da primeira, na sua vertente sexual e amorosa (Murat 2009, 160-161; Asher-Greve et Westenholz 2013, 63; Archi 2020, 27-33).

11 A associação iconográfica entre ambos surge, inequivocamente, a partir do período Cassita (c. 1475- 1155 a.C.), sobretudo nas representações contidas em *kedurrus* (Ornan 2005, 159-160).

12 Recorde-se as palavras de Porter (2009, 5) sobre a múltipla manifestação divina, patente num texto de cariz ritualístico Assírio: "the procedure for a ritual in which the king and a priest present food offerings to gods that appear to have been represented by statues in anthropomorphic form, to some of the same gods in the form of crowns, stars, and other material objects, and also to gods identified, for example, as a lion, light, various city gates, temple doors, and the lock of those doors, in most cases with the DINGIR sign identifying a god written before their names".

13 Desde 2018, temos procurado visitar as múltiplas significâncias simbólicas das representações patentes nos cerca de mil selos cilíndricos exumados na região do Diyala, na década de 1930, e catalogados por Frankfort (1955), seguindo a perspectiva interdisciplinar de aliar a História das Religiões e a Arqueologia que propomos neste artigo. Os primeiros resultados deste trabalho analítico foram já discutidos em encontros científicos, estando alguns, neste momento, no prelo (eg. Gonçalves et Almeida, 2021, onde apresentamos uma análise em linha com a do presente artigo, mas focada nos símbolos divinos da deusa *Inanna/Ištar*, nomeadamente o pilar de juncos e a estrela/roseta). A nossa escolha pelos selos prende-se com a enorme potencialidade que os mesmos apresentam enquanto objectos histórico-arqueológicos. Como é bem conhecido, aquando do seu surgimento, em meados do IV milénio a.C., os selos cilíndricos parecem ter sido criados como ferramentas político-administrativas para o oficialato dos primeiros núcleos urbanos mesopotâmicos. Porém, ao longo do tempo, estes objetos ganharam outras dimensões. Fabricados, maioritariamente, em materiais preciosos, tais como lápis-lazúli ou cornalina, os selos cilíndricos foram também utilizados como elementos de adorno pessoal, evidenciando o estatuto do seu proprietário/utilizador. Nesse sentido, o seu valor estético e a sua função enquanto elemento de diferenciação social aliaram-se à função burocrática original. Paralelamente, os motivos iconográficos e textuais neles gravados conferiram-lhe um papel religioso, tanto como elemento apotropaico, como votivo. Desta forma, o seu uso transversal e multifacetado, dotam estes objectos de características únicas enquanto fontes que podem ser, simultaneamente, materiais, iconográficas e textuais. Acerca do desenvolvimento dos selos cilíndricos e dos seus diferentes usos, veja-se Porada (1993) e Collon (1987; 2001). Acerca dos usos apotropaicos e votivos dos mesmos veja-se, por exemplo, Goff (1956), Teissier, (1984) e Pittman (2013).

conjunto específico de 22 selos cilíndricos¹⁴ onde a presença do escorpião, em diálogo com os outros elementos das cenas e com os próprios contextos arqueológicos onde foram exumados, pode corroborar a nossa hipótese, para o período referido.

Dadas as características estilísticas e os próprios temas representados, optamos por dividir a nossa análise em duas partes: uma dedicada aos temas patentes nos estilos mais antigos (Jamdat Nasr e DI I) e outra aos temas dos estilos mais recentes (DI II e III). Importa, porém, começar por contextualizar a importância das escavações que os identificaram, assim como os arqueossítios de onde os mesmos provêm.

O Instituto Oriental de Chicago em Tell Asmar, Khafajah e Tell Agrab

Como todo o território mesopotâmico, a região do Diyala assumiu-se, desde muito cedo, como extremamente abundante em termos de recursos naturais, dada a fertilidade que este afluente do Tigre oferecia à área. Assim, não é de estranhar que a fixação humana na região esteja atestada para períodos bastante recuados.¹⁵ Ao longo do III milénio a.C., a sua localização geoestratégica privilegiada contribuiu para um rápido crescimento dos seus núcleos urbanos e da sua economia,¹⁶ espoletando uma intensa disputa da região por vários poderes mesopotâmicos.¹⁷

Apesar do reconhecimento da sua potencialidade, em termos histórico-arqueológicos, desde o início dos processos de redescoberta da civilização mesopotâmica, a partir de meados do século XIX, a verdade é que esta região só

14 Acerca das características gerais do nosso conjunto, nomeadamente estilo, datação, arqueossítio e *locus*/nível, veja-se o Anexo A, tabelas 1 e 2.

15 De forma mais sistemática, identifica-se a presença humana na região a partir do período de 'Ubaid (Adams 1965, 3-4, 33-34).

16 A região do Diyala assumiu-se como ponto de conexão de várias rotas comerciais que colocavam em contacto os vales do Tigre e Eufrates, as regiões norte e sul da “terra entre os rios” e, ainda, esta com o Planalto Iraniano. O controlo destas rotas permitia, assim, uma grande riqueza, já que as mesmas eram essenciais para adquirir metais e pedras preciosas, entre outras matérias deficitárias na Mesopotâmia (Peyronel 2013, 51-52). Naturalmente, estes contactos comerciais potenciaram processos de transferências, a todos os níveis, podendo-se encarar esta região como um caso paradigmático dos múltiplos contributos e influências, de várias origens, que se verificam, ao longo do tempo, no Próximo e Médio Oriente Antigo.

17 Sobre a intrincada história política da região do Diyala, particularmente no que diz respeito à disputa da região pelos vários poderes mesopotâmicos, entre o período de Ur III (c. 2112-2004 a.C.) e o período Paleo-Babilónico (c. 2004-1595 a.C.), veja-se Frankfort et al. (1940); Mieroop (2005) e Peyronel (2013).

passou a ser sistematicamente trabalhada com a chegada das equipas do Instituto Oriental de Chicago, na década de 1930. Estas expedições arqueológicas, onde participaram nomes de eminentes Assiriólogos, como Pierre Delougaz, Henri Frankfort, Thorkild Jacobsen e Seton Lloyd, utilizaram metodologias inovadoras, à época, tornando-se exemplos paradigmáticos do trabalho arqueológico, para as décadas seguintes.¹⁸

Estas equipas trabalharam quatros arqueossítios, Tell Asmar, Khafajah, Tell Agrab e Tell Ischali, onde várias estruturas cúlticas, político-administrativas e habitacionais, datadas para os períodos de Jamdat Nasr e Dinástico Inicial foram identificadas, potencializando o conhecimento, a todos os níveis, sobre estas épocas mais recuadas.¹⁹ Porém, e embora tenham sido publicadas múltiplas obras, entre 1939 e 1988, a partir dos resultados destas expedições, mais de 12.000 objectos ficaram por estudar.²⁰ No início da década de 1990, McGuire Gibson iniciou o famoso *Diyala Project*,²¹ recorrendo às novas tecnologias, com vista a catalogar o vasto espólio inédito numa base de dados, que, com o tempo, viria a ser disponibilizada *online*.²² Desta forma, o trabalho analítico dos espólios identificados, na década de 1930, continua a ser desenvolvido.

Dos quatros arqueossítios acima referidos, apenas Tell Ischali²³ não apresenta selos cilíndricos com a representação do escorpião, para o período que nos pro-

18 Acerca dos procedimentos inovadores adoptados nestas expedições, Clemens Reichel diz-nos: "...exceptional care was taken with the systematic recording of find contexts, using procedures that were uncommon at that time in Near Eastern archaeology. Architectural spaces such as rooms, courtyards, or corridors were divided into loci, clearly defined spatial units that were given unique numbers. This recording system not only helped to establish a sound chronological framework for artifacts based on their archaeological provenience, but also made it possible to identify the functions of distinct spatial units within a building by studying their artifact patterns. Such a precision in data recording has been surpassed only in the past twenty years through use of computers on projects of this scope in Mesopotamian archaeology, a fact that highlights the significance of this data." ("Diyala Project").

19 Por outro lado, foram também identificados níveis contínuos de ocupação até ao período Paleo-Babilónico, o que permite múltiplas análises, sincrónicas e diacrónicas, sobre o papel destes núcleos na história da civilização mesopotâmica (Frankfort et al. 1940, 1-6).

20 Note-se que, de entre estes, identificam-se, como Reichel sublinha, "objects that touched upon all sections of Mesopotamian life. Among these items are stone vessels, tools, weapons, jewelry, cosmetic sets, weights, figurines, stone and metal vessels, inlays, and stamp seals. Many of these items are truly artworks, while others provide valuable information of everyday life. In addition, some 1,200 clay tablets with cuneiform texts written in the Sumerian and Akkadian languages and over 250 clay sealings with impressions, many of them also bearing inscriptions, have also remained unpublished" ("Diyala Project").

21 "Diyala Project".

22 Nesta base de dados também figuram os registos das expedições da década de 1930. Veja-se a mesma em The Oriental Institute of the University of Chicago, "DiyArDa".

23 Este arqueossítio corresponde, provavelmente, à antiga Nerebtum ou a Kiti. Acerca dos resultados das expedições do Instituto Oriental de Chicago em Tell Ischali veja-se, por exemplo, Delougaz et al. (1967) e Hill et al. (1990).

podemos examinar.²⁴ No que diz respeito à caracterização geral destes arqueossítios, e começando por Tell Asmar,²⁵ que corresponde à antiga cidade de Ešnunna, este foi alvo de trabalhos arqueológicos entre 1930 e 1936. Embora se consiga atestar a presença humana no sítio para finais do IV milénio a.C., foi durante os períodos DI I e II que este núcleo urbano encontrou o seu primeiro grande momento de apogeu. À data da última campanha, em 1936, a área escavada deste arqueossítio estendia-se por mais de dois hectares, sendo que cinco grandes complexos tinham sido devidamente identificados e registados, a saber: o “Palácio Norte”, o “Templo de Abu”, o “Palácio dos Governadores”, o “Edifício do Sul” e o complexo de estruturas habitacionais.²⁶

Já o arqueossítio de Khafajah,²⁷ que se pensa que poderá corresponder à antiga cidade de Tutub, foi alvo de intervenções durante sete temporadas, sendo que os trabalhos abrangeram uma vasta área de 1.200 x 1.800m, que incluía quatro *tells*.²⁸ As estruturas habitacionais e cúlticas (“Templo Oval”, “Templo de Sîn” e “Templo de Nintu”) do Tell A mostram que o sítio já estava ocupado em finais do IV milénio a.C., tendo atingindo o seu primeiro apogeu no período Dinástico Inicial.²⁹ Quanto às estruturas identificadas nos restantes *tells*, as mesmas encontram-se datadas para os inícios do II milénio a.C..³⁰

Por último, o arqueossítio de Tell Agrab,³¹ cuja correspondência na Antiguidade ainda não foi confirmada, foi escavado entre 1936 e 1937, numa área de

24 O nosso conjunto encontra-se, então, disperso da seguinte forma: seis selos cilíndricos identificados em Tell Asmar, 12 em Khafajah e quatro em Tell Agrab.

25 O arqueossítio de Tell Asmar situa-se na zona leste do vale do rio Diyala, a cerca de 32 km a nordeste da cidade de Bagdad, no actual Iraque (Latitude: 33° 45' 0"; 33.75° N. Longitude: 44° 45' 0"; 44.75° E). Veja-se a planta do arqueossítio em Frankfort (1955, Pl. 94).

26 Frankfort et al. 1940, 196-200; Frankfort 1955, 9-10. Para uma visão mais detalhada sobre as estruturas político-religiosas ali identificadas veja-se, ainda, Delougaz et al. (1967) e Reichel (2018).

27 O arqueossítio de Khafajah localiza-se na Província do Diyala, no actual Iraque (Latitude: 33° 21' 18.2448"; 33.3550682° N. Longitude: 44° 33' 20.2168"; 44.5556158° E). Veja-se a planta do arqueossítio em Frankfort (1955, Pl. 93).

28 Os pontos mais elevados foram identificados como A, B, C e D, servindo, de igual forma, para designar cada um deles. Note-se que as elevações dos *tell* são de aproximadamente seis metros (Tell B), cinco metros (Tell C) e quatro metros (Tell A e D) (Delougaz 1940, 3).

29 As informações sobre os períodos mais recuados deste arqueossítio são ainda bastante fragmentadas. Entre 2150-2100 a.C., Tutub poderá ter sido uma cidade-satélite de Ešnunna, considerando as informações de algumas fontes textuais de dois governantes desta cidade, Shiqlanum e Sharría, que referem o seu controlo político sobre a mesma (Frankfort et al. 1940, 198).

30 Delougaz et Lloyd 1942, 84-85; Delougaz et al. 1967, 15-17. Acerca das estruturas identificadas nos *tells* B, C e D veja-se Hill et al. (1990).

31 O arqueossítio de Tell Agrab localiza-se a cerca de 20 km a sudeste de Tell Asmar, na região do Diyala (Latitude: 33° 34' 0.00" N. Longitude: 44° 46' 0.00" E). Veja-se a planta do arqueossítio em Frankfort (1955, Pl. 95).

600x500 m. O material cerâmico exumado incluía peças cuja datação aponta para presença humana no sítio, na transição entre o IV e III milénios a.C.. De entre as várias estruturas identificadas, destaca-se o “Templo de Šara”, já que apresenta vários níveis de ocupação, ao longo do período Dinástico Inicial.³² Foram ainda encontradas evidências de estruturas do período Acádico e da primeira metade do II milénio a.C., embora o seu elevado nível de destruição impeça maiores conclusões³³.

As metodologias inovadoras seguidas pelas equipas do Instituto Oriental de Chicago, assim como o desenvolvimento de diferentes enquadramentos teórico-metodológicos, convidam a que se revise, uma e outra vez, os espólios do Diyala. No que diz respeito ao nosso conjunto, e apesar de poder ser considerado reduzido, o mesmo apresenta uma coesão de temas, de contextos específicos³⁴ e de utilização ao longo do tempo,³⁵ que manifesta uma continuidade dos usos dos objectos e, eventualmente, da importância e significados dos símbolos ali representados.

O escorpião, os símbolos astrais divinos e o “rebanho sagrado” nos espaços cúlticos

A glíptica do período de Jamdat Nasr³⁶ caracteriza-se pela forte estilização dos motivos iconográficos, predominando as representações de símbolos fitomórficos, zoomórficos e geométricos (Figs.1-4).³⁷ A ausência de elementos

32 Veja-se a planta deste complexo cúltico em Frankfort (1955, Pl. 26). É ainda interessante notar que todos os 102 selos cilíndricos identificados em Tell Agrab e catalogados por Frankfort (1955) foram exumados no “Templo de Šara”, sendo que o espólio com maior valor material e cultural foi encontrado na *cella* principal (M 14:2). É aliás deste *locus* que provêm dois dos selos do nosso conjunto, sendo que um deles foi encontrado na zona do altar (selo n.º 853). Os outros dois selos provenientes deste arqueossítio (n.º 809 e 810) foram identificados num santuário integrante deste complexo religioso (Delougaz et Lloyd 1942, 255).

33 Frankfort 1955, 11; Delougaz et al. 1967, 267-268. É interessante notar que os três arqueossítios aqui em análise apresentam fortes indícios de destruição, ao longo do período Paleo-Babilónico, parecendo só terem recuperado já durante o período Cassita (Adams 1965, 49; Mieroop 2005, 43-49).

34 Note-se que 12 foram identificados em estruturas cúlticas e sete em estruturas habitacionais.

35 Embora apresentem características iconográficas específicas, que permitem a sua subdivisão em diferentes estilos (desde o Jamdat Nasr aos DI I, II e III), a esmagadora maioria destes selos foi identificada em estratos datados para o longo período Dinástico Inicial. Cf. Anexo A.

36 Jamdat Nasr é um arqueossítio localizado na Província de Babil, no actual Iraque. As primeiras intervenções arqueológicas datam do final da década de 1920, sendo que, na década de 1980, novas expedições foram realizadas, lideradas por Roger Matthews. As características do espólio ali exumado permitiram identificar um curto período histórico e um estilo iconográfico específico. Contudo, dado que exemplares com este estilo aparecem tanto em estratos anteriores como posteriores ao período homónimo, decorre ainda um aceso debate sobre esta época/estilo. Acerca destas questões, veja-se, por exemplo, Matthews (1992a; 1992b).

37 Collon 1987, 13-19.

antropomórficos pode, à luz das interpretações mais recentes que aqui seguimos, indiciar que as entidades divinas eram representadas através destes símbolos, que de alguma forma, expressavam a sua identidade. Já o estilo DI I afirma-se como de transição, mantendo algumas características do período/estilo anterior (Fig. 5) e as inovações que irão marcar os séculos seguintes, como por exemplo a divisão das cenas em dois registos (Fig. 6).³⁸ Por outro lado, a representação de conjuntos de quadrúpedes chifrados, por vezes interligada com outros animais ou símbolos, já presente em Jamdat Nasr, assume agora maior protagonismo.

Dos seis selos do nosso conjunto, com características marcadamente Jamdat Nasr, quatro apresentam o escorpião enquadrado por linhas horizontais (Fig. 1³⁹), ou acompanhado por motivos geométricos (Fig. 2). As estruturas cúlticas onde foram exumados,⁴⁰ assim como, no caso dos três selos de Khafajah, o restante *ensemble* material que os acompanhava⁴¹, parecem apontar para uma função cúltico-ritualística. A simbologia do escorpião nestes exemplares parece, então, evocar o seu contínuo valor apotropaico, sendo que outras considerações são difíceis de ser realizadas.

Os restantes dois selos, porém, já apresentam elementos que permitem avançar com outras hipóteses, assim como estabelecer paralelismos com as cenas patentes nos exemplares do período/estilo seguinte. Tendo sido ambos identificados na *cella* do “Templo de Šara”, em conjunto com outros objectos de elevado valor material e simbólico,⁴² a sua função (talvez, última) como oferta a esta divindade afirma-se como extremamente plausível. Neste sentido, atentemos às cenas ali representadas: no selo n.º 848 (Fig. 3) encontramos o escorpião e a estrela/roseta, enquadrados

38 Frankfort 1955, 21-24; Collon 1987, 20-24. É também neste período/estilo que começam a surgir os primeiros elementos antropomórficos, ainda que bastante estilizados. Neste sentido, a identificação tanto do género como da natureza divina ou humana destas figuras, assume-se como extremamente difícil de ser efectuada. Na nossa amostragem, não temos qualquer selo que contenha o escorpião em conjunto com figuras antropomórficas, para o DI I.

39 Selos n.º 187 e 192, para o primeiro caso, e n.º 809 e 81, para o segundo. Dadas as similaridades entre as cenas patentes em vários dos nossos selos, e por uma questão de economia de espaço, optámos por incluir neste artigo apenas algumas impressões modernas dos mesmos, nomeadamente aquelas que considerámos mais expressivas para o nosso argumento (Cf. Anexos B e C). Para os selos, cujas imagens não incluímos aqui, veja-se as suas referências específicas nas tabelas 1 e 2 (Anexo A).

40 Os selos n.º 81, 187 e 192 foram identificados no “Templo de Šin”, em Khafajah. Já o selo n.º 809, foi identificado no “Templo de Šara”.

41 Nomeadamente, vasos cerâmicos em forma zoomórfica, provavelmente para libações, assim como outros amuletos e mesmo um “eye idol”, cujo valor cúltico é inegável (Delougaz et Lloyd 1942, 240; Hill et al. 1990, 26-29).

42 Para além dos selos cilíndricos referidos, identificaram-se também amuletos e elementos arquitetónicos com forma zoomórfica, nomeadamente leões, um reconhecido animal-símbolo de vários deuses, sendo que, diacronicamente, se destaca a sua associação a Inanna/Ištar (Delougaz et Lloyd 1942, 238; Almeida 2015, 173-175).

no topo por linhas horizontais. Note-se que ambos se encontram no mesmo plano, manifestando não só proximidade, como uma possível paridade, enquanto coprotagonistas da cena. Tendo em conta que a estrela/roseta se confundia há muito com a própria Inanna/Ištar,⁴³ parece-nos ser possível atribuir um significado divino semelhante ao escorpião.

Paralelamente, e recordando que os mesopotâmios, ao longo do tempo, apresentavam alguma tendência em associar divindades da mesma família divina e/ou com funções semelhantes,⁴⁴ podemos encontrar aqui uma outra significância na relação entre os dois símbolos e o uso último do próprio selo, enquanto *ex voto*. Em épocas recuadas, Šara foi identificado como filho de Inanna/Ištar,⁴⁵ pelo que se torna possível que o diálogo entre a estrela/roseta, o escorpião e a divindade a quem se ofereceu o selo, tenha sido entendido e usado pelo devoto, de forma calculada, como forma de reforçar o pedido de protecção a deuses com ligações e/ou funções semelhantes.⁴⁶

43 A estrela/roseta foi, sem dúvida o maior símbolo desta deusa, ao longo do tempo, expressando tanto a sua identidade astral (como Vénus), como a sua função enquanto provedora de abundância (Almeida 2015, 131-133; Westenholz 2009, 333). O uso deste símbolo encontra-se profusamente atestado já para a segunda metade do IV milénio a.C., nomeadamente no espólio material e iconográfico identificado em Uruk, cidade tutelada por esta divindade (Szarzynska 2000, 67).

44 O pensamento profundamente simbólico-metafórico mesopotâmico convivia com um pragmatismo extraordinário, que permitia aos habitantes da “terra entre os rios” acomodar novas e velhas tradições, assim como sistematizar a vasta informação dos vários aspectos da sua realidade (Odisho 2004, 3; Gomes de Almeida 2019, 1-2). No que toca à organização divina, a redacção das listas de deuses, cujos primeiros exemplares conhecidos datam para c. 2600 a.C., mostram que, para além de os deuses surgirem elencados por importância hierárquica, eram organizados por grupos que manifestavam laços familiares e/ou de funções cósmicas. Tais listas permitem, assim, entender dinâmicas de contextos específicos do sistema religioso mesopotâmico, nomeadamente no que diz respeito às associações entre deuses (Rubio, 2011, 97-101).

45 Numa composição redigida em sumério, *A Balbale to Šara (Šara A)*, este deus é identificado como filho de An e Inanna (ETCSL, 4. 30.1, 34), informação repetida numa tabuinha datada para o período de Ur III, onde se refere a construção de um templo dedicado a Šara, pelo governante Šu-Sin. Veja-se o objecto em The British Museum, “Collection objects”.

Também no mito de Anzu, esta possível filiação é referida, numa breve passagem: “They called Shara, Ishtar’s son” (Dalley 2000, 223). Por seu lado, na composição redigida em sumério *A Descida de Inanna ao Inframundo*, Šara aparece já não como filho, mas como um dos possíveis candidatos a substituir a deusa no plano dos mortos, após a sua reanimação. Contudo, o luto sofrido que manifesta leva Inanna a poupá-lo de tal destino (ETCSL, 1.4.1, ls. 329-338).

No tempo longo, esta tradição com origens possíveis no IV milénio a.C., foi-se perdendo, afirmando-se antes a independência desta deusa relativamente ao casamento e à maternidade (Almeida 2015, 295). Não obstante, esta associação terá perdurado, durante a primeira metade do III milénio a.C., sendo interessante notar que grande parte dos selos exumados no “Templo de Šara” apresentam símbolos que manifestam a presença de Inanna/Ištar, como o já referido leão, o pilar de juncos e a estrela/roseta.

46 Na mesma lógica, não deixa de ser interessante que os selos anteriormente referidos, onde o escorpião se encontra isolado ou acompanhado por motivos geométricos, tenham sido identificados em estruturas cultuais dedicadas tanto a Šara, como ao pai de Inanna/Ištar, a divindade lunar Nanna/Sin. A relação entre ambos está atestada para a primeira metade do III milénio a.C., em múltiplas fontes textuais, embora em paralelo com outras tradições, que indicavam An ou mesmo Enki como pai da deusa. Terá sido no período Acádico que esta relação se cristalizou (Almeida 2015, 136-138, 182-183).

Foquemo-nos agora no selo n.º 853 (Fig. 4), onde identificamos uma cena mais complexa: ao centro, encontra-se a representação de um elemento fitomórfico, possivelmente uma árvore/arbusto (em flor ou com frutos), ladeado por um conjunto de quadrúpedes chifrados e por uma fila composta de dois escorpiões e um lagarto. As linhas onduladas, na base, indiciam a presença da água, sendo que, imediatamente a seguir, encontra-se a representação estandardizada da estrutura cùltica. Quando analisada no imediato, a relação entre os vários elementos da cena expressa uma clara mensagem de abundância, que se assume como sacralizada, sublinhando-se, assim, o poder divino enquanto fonte da mesma.⁴⁷ Aceitando-se que o selo foi ofertado a Šara, torna-se plausível que também o objecto e a cena ali patente reflectissem um pedido de bênção directa a este deus, por parte do devoto.

Por outro lado, a presença dupla do escorpião, caso seja entendida como uma manifestação divina, pode também servir o propósito de convocar uma divindade especificamente ligada à fertilidade, para reforçar a mensagem de abundância da cena. Aliás, esta interpretação já foi estabelecida, para períodos posteriores, onde a reprodução do escorpião em cenas de cariz sexual, enquanto manifestação de Išhara, é entendida como uma forma de fortalecer a mensagem de fertilidade, em termos amplos.⁴⁸ No nosso entender, esta noção já estaria patente em selos do período/estilo de Jamdat Nasr, o que pode explicar, igualmente, a presença do escorpião rodeado por grupos de quadrúpedes, nos exemplares n.º 563, 810 e 304 (Fig. 5).⁴⁹ Também aqui, a divindade manifestada pelo escorpião protegeria e renovaria a abundância da flora e da fauna destas cenas.

Foquemo-nos agora no selo n.º 259 (Fig. 6), já do estilo DI I, também identificado numa estrutura cùltica (“Templo Oval”). Nesta cena, em consonância com as características estilísticas do período, encontramos um grupo de quadrúpedes chifrados (possivelmente gado caprino), no registo inferior, que parece estar protegido pelos

47 Recordemo-nos como no pensamento religioso mesopotâmico, que detinha um carácter marcadamente teocêntrico, as divindades eram as responsáveis máximas de todos os aspectos da realidade (Bottéro 2004, 55).

48 “Because it was Išhara who blessed the sacred marriage her intervention was sought in human marriage and in the mating of the flocks and herds, and her power was believed to extend even to the fructifying of the crops and produce of the fields. This is why the scorpion was considered a lucky token, why it figured on painted pottery and on stamp seals from a very early age.” (Van Buren 1937, 16).

49 Note-se que a cena do selo n.º 563 apresenta ainda peixes, animais importantíssimos para a dieta mesopotâmica e, por isso, também transpostos para o discurso simbólico (Silva 2020, 40, 64-68). Assim, a mensagem (de renovação) da abundância da fauna, neste selo, encontra-se reforçada.

elementos do registo superior, o crescente lunar, manifestação astral de Nanna/Sîn, enquadrado por um par de escorpiões. O tema principal da cena revela-se, assim, e de acordo com outras representações semelhantes, como o “rebanho sagrado” da divindade lunar.⁵⁰ Em linha com a interpretação atrás exposta, o escorpião pode então indiciar a presença de uma entidade divina ligada à fertilidade, cujo papel é o de reforçar a abundância deste “rebanho sagrado”.⁵¹

Por outro lado, devemos salientar a relação de paridade e de proximidade entre o escorpião e o crescente lunar, tal como verificado para a cena com a estrela/roseta do selo n.º 848 (Fig. 3). Relembrando a ligação astral do escorpião à constelação homónima, atestada para esta época, consideramos, uma vez mais, estar perante a representação, simultaneamente zoomórfica e astral, de uma divindade que poderia ter laços familiares e/ou de funções com as divindades Nanna/Sîn e Inanna/Ištar.⁵²

A dualidade do escorpião nos espaços doméstico e selvagem, na vida e na morte

A glíptica dos períodos DI II e III marca um novo momento na concepção artística, com um maior realismo e pormenor dos elementos representados, assim como uma maior presença do antropomorfismo. Dois temas tornam-se muito comuns, as cenas com figuras antropomórficas a efectivar actividades sexuais ou

50 “Gods possessed herds of earthly animals, branded with the god’s characteristic mark: for example, the star for Ištar; sun disk for Šamaš; crescent for Sîn; spade for Marduk. These herds were used to plough the god’s fields, to supply the god’s table, and to transport the deity when he went out.” (Scurlock 2002, 370).

51 Note-se, ainda, que a ancestral ligação do crescente lunar com o bovídeo, símbolo por excelência da fertilidade e de poder, no repertório iconográfico do Próximo e Médio Oriente Antigo, desde os períodos neolíticos, exponencia a mensagem de abundância da cena. Por outro lado, é interessante sublinhar como as representações neolíticas das antenas do próprio escorpião assemelham-se tanto ao crescente como aos chifres dos bóvidos, indiciando uma ligação ancestral às ideias de fertilidade/abundância e, mesmo, de poder (Stordeur 2010, 124). Sobre as significâncias simbólicas dos animais na iconografia neolítica, nomeadamente o bovídeo, veja-se Campbell (2010).

52 Embora Van Buren (1937, 7) tenha afirmado a ligação astral do escorpião, para estes períodos recuados, escusou-se a aceitar a associação desta constelação a uma divindade, afirmando que tal só aconteceu quando este animal se tornou símbolo de Išhara. O autor manifestou, assim, fortes reservas à hipótese aventada por Langdon (1914, 159), relativamente a uma divindade feminina aquática ligada ao escorpião (animal e constelação). Na nossa perspetiva, Langdon não estava correcto na identificação inequívoca desta divindade como aquática, mas a sua proposta de associação da constelação escorpião a uma entidade divina parece-nos, à luz dos que temos vindo a argumentar, mais que plausível.

em banquete,⁵³ num ambiente “doméstico”; e as tradicionalmente designadas como “cenas de combate”, onde se identificam quadrúpedes a serem atacados por predadores e/ou figuras antropomórficas a combater estes animais. Em consonância, no nosso conjunto identificamos quatro selos com o primeiro tema e sete selos com o segundo, sempre com a presença do escorpião.

Apenas um selo, o n.º 244 (Fig. 7), parece, à primeira vista, destoar. Aqui, o escorpião surge em diálogo com a representação de cobras/serpentes entrelaçadas, motivo que se identifica noutros exemplares da iconografia mesopotâmica, e cujas interpretações académicas apontam, sistematicamente, para uma mensagem de fertilidade potenciada.⁵⁴ Tendo em conta que, nas suas origens, a deusa Išhara encontrava-se associada à cobra/serpente,⁵⁵ a interligação desta com o escorpião, futuro animal-símbolo da mesma deusa, em cenas evocativas de fertilidade, assume-se, no mínimo, como curiosa.

Por outro lado, como já referido, a partir do II milénio a.C., o escorpião de Išhara aparece em cenas de cariz sexual, expressando a presença da deusa que tutelava a sexualidade/fertilidade, com vista a potenciar a mensagem de abundância (humana, mas também animal e vegetal) das mesmas. A cena do selo n.º 559 (Fig. 8) apresenta, claramente, este tema, já que as duas figuras antropomórficas, com as pernas entrelaçadas, se encontram deitadas uma sobre a outra, numa alusão directa ao acto sexual.⁵⁶ Assim, a presença do escorpião, representado debaixo da estrutura onde o acto sexual decorre, pode, igualmente, convocar a tutela divina

53 Estas cenas destacam-se pela presença de figuras antropomórficas a partilhar bebida e comida, sendo a natureza (divina ou humana) das mesmas ainda bastante discutida. Para uma síntese acerca das diversas interpretações sobre as “cenas de banquete”, veja-se Gonçalves (2018, 81-83).

54 A relação entre o escorpião e a cobra/serpente na iconografia mesopotâmica encontra-se atestada, pelo menos, desde o VI milénio a.C., sobretudo nos espólios da Baixa Mesopotâmia (Pizzimenti 2019, 769). Relativamente ao motivo das cobras/serpentes entrelaçadas com a presença do escorpião, esta autora (2019, 762-763) destaca o espólio de Tello, onde os dois animais aparecem amiúde, em cenas de evocação da fertilidade. Por outro lado, já Van Buren (1937, 8), aludindo a este motivo, tinha indicado a mesma interpretação, sublinhando que os dois animais em conjunto serviam como reforço um do outro.

55 Asher-Greve et Westenholz 2013, 204; Van Dijk 2016, 184.

56 Na transição do século XIX para o XX, James Frazer [(1922) 1978] publicou o monumental *The Golden Bough* (primeira edição em dois volumes, de 1890, e terceira edição em 12 volumes, entre 1906-1915), cujos postulados sobre o rito hierogâmico (realizado entre divindades ou entre uma divindade e um ser humano, normalmente o governante) nos sistemas religiosos da Antiguidade, deixaram uma marca indelével na academia. Naturalmente, e embora o seu argumentário tenha sido extremamente debatido e mesmo refutado, ecos do mesmo foram aplicados à Mesopotâmia, levando a profundos debates sobre a natureza deste ritual, dos seus participantes e das suas representações. No que diz respeito à iconografia, a maioria das cenas de cariz sexual foram, durante muito tempo, entendidas como uma representação da hierogamia, algo que propostas mais recentes, que aqui seguimos, têm colocado em causa, dado o carácter redutor desta identificação (Assante 2002a; 2002b). Sobre este tema, veja-se ainda Steinkeller (1999), Pongratz-Leisten (2008) e Cooper (2013).

sobre a sexualidade, intensificando a cena. Além disso, a identificação deste selo em estruturas habitacionais sugere o valor apotropaico da cena/objecto, convocando a fertilidade/abundância para todos os domínios da casa.

Numa outra vertente, a presença do vaso/jarro com tubos de beber, à esquerda, marca uma ligação à “cena de banquete”, que manifesta a união profunda entre as figuras antropomórficas, já que a partilha de bebida (e comida) na iconografia mesopotâmica servia para expressar um vínculo social e identitário entre as figuras representadas.⁵⁷ Curiosamente, o crescente lunar encontra-se representado no topo, parecendo tutelar a transição entre as duas cenas, reforçando a união do casal. Estamos, pois, no âmbito doméstico (reforçado pelo próprio contexto arqueológico onde o selo foi exumado), com Nanna/Sin a oferecer a sua protecção,⁵⁸ nos domínios/ funções que lhe são caros (fertilidade, abundância e poder). No mesmo sentido, argumentamos que a divindade representada pelo próprio escorpião ofereceria, igualmente, protecção no seu domínio de especialidade, a sexualidade. Ainda neste âmbito doméstico, também os selos n.º 359, 416 e 465 contêm a “cena de banquete” com a presença do escorpião a ladear o acto de ingestão de bebida. Não deixa de ser curioso que, na cena patente no selo n.º 416 (Fig. 9), se identifique, de novo, a presença do crescente lunar, no registo superior, ladeando o vaso/jarro depositado em frente da figura antropomórfica, que, por sua vez, se encontra acompanhada pelo escorpião.

Regressando ao selo n.º 244 (Fig. 7), onde a cobra/serpente se conjuga com o escorpião, prestemos agora atenção a outra vertente da simbologia de ambos os animais, no tempo longo. Para além de fertilidade/abundância, a conjugação destes animais perigosos e ctónicos, que transitam entre o subterrâneo e a superfície, pode também expressar uma mensagem relativa ao mundo selvagem e à morte.

Neste sentido, é interessante avaliar a presença de ambos no exemplar n.º 320 (Fig. 10), cuja temática central recai na “cena de combate”. Aqui, identifica-se um ataque de três felinos a um par de quadrúpedes chifrados, possivelmente veados. Ao lado, encontra-se um painel de inscrição (em branco) suportado pelo escorpião

57 Zajdowski 2013, 3-4.

58 Ao analisar este selo, e de acordo com a tendência da sua época, Van Buren (1937, 14-16) interpretou-o como uma representação do ritual hierogâmico, sendo que propôs que a presença do crescente simbolizaria o momento noturno em que o mesmo ocorreria.

e pela cobra/serpente. A cena decorre, claramente, num ambiente selvagem, sendo que a visível desvantagem das presas relativamente aos predadores permite intuir o desfecho do combate. A morte iminente dos veados não impede, contudo, que a cena expresse ideias de abundância da fauna selvagem, pelo que encontramos, assim, uma dualidade existencial, cara à mentalidade mesopotâmica: o ciclo natural marcado pela transição entre a abundância/vida e a carência/morte. Paralelamente, o elemento zoomórfico que se destaca na cena, pela repetição e pela mensagem de poder, força e domínio, é o leão, animal-símbolo de Inanna/Ištar, pelo que podemos aventar a hipótese que também ela estaria a ser convocada, como divindade que controla este ciclo existencial.

Por outro lado, é interessante sublinhar o contexto arqueológico específico onde este selo foi exumado, uma sepultura, estando depositado junto da cabeça do defunto.⁵⁹ O diálogo entre a cena de combate, os símbolos zoomórficos ctónicos e o destino último do objecto, como oferenda fúnebre, pode, uma vez mais, ter sido calculado, numa lógica de reforçar a evocação da protecção divina, desta feita, perante a morte. Neste sentido, importa recordar que uma das divindades do Inframundo, Ningišzida, também se encontrava associado à cobra/serpente.⁶⁰ Assim, também o escorpião, com a sua natureza ctónica, pode ter sido entendido aqui como uma outra manifestação divina, que reforçava a mensagem de poder dos deuses sobre o ciclo de existência, patente na cena.⁶¹

59 Para além do selo, outros objetos de valor, tais como, esculturas de animais, contas, anéis, materiais em cobre e elementos de cosmética, foram igualmente enterrados com este indivíduo (Delougaz et al. 1967, 116-117).

60 Ao longo do III milénio a.C., Ningišzida foi identificado como filho de Ninazu que, por sua vez, na literatura da segunda metade deste milénio, aparece como filho da deusa que governava o Inframundo, Ereškigal. Sendo estranho que a rainha dos mortos pudesse conceber, naquele plano, Katz (2003, 387) sugere que esta filiação pode ser um eco de uma tradição anterior, onde a deusa assumia antes o papel de mãe enlutada, que procura pelo seu filho, no mundo dos mortos, à semelhança de Duttur, que assume o mesmo papel no ciclo literário dedicado ao seu filho, Dumuzi. É interessante notar ainda que Ninazu, no III milénio a.C., parece ter tido algum destaque na cidade de Ešnunna, tendo sido, mais tarde, absorvido por Tišpak. O seu animal-símbolo seria a cobra-dragão, o famoso *mushus*, que foi também absorvido por Tišpak e, posteriormente, por Marduk (Black et Green 1992, 137-138).

61 Dos restantes seis selos do nosso conjunto com as “cenas de combate”, devemos sublinhar que o n.º 332 apresenta uma cena extremamente parecida com a da Fig. 10, faltando apenas a serpente. Já os selos n.º 553 e 554 seguem o mesmo motivo, de leões a atacar quadrúpedes, ladeados pelo escorpião. Assim, assumimos uma interpretação coincidente com a que acabámos de apresentar para as cenas destes exemplares. No que diz respeito aos selos n.º 254, 282 e 502, identifica-se ainda, engajadas no combate com os animais, a presença de uma ou duas figuras antropomórficas, que Collon (1987, 20-27) catalogou como “heróis nus” e “homem-touro”. Este motivo, que altera substancialmente a relação entre os elementos antropomórficos e zoomórficos, carece de um maior espaço de análise, que infelizmente não temos aqui. Sublinhamos, contudo, que nos selos n.º 254 e 282, a cena apresenta também a presença do crescente lunar e da estrela/roseta, o que, uma vez mais, adensa a ligação entre estas divindades e o escorpião.

Considerações finais

A reflexão atrás realizada confirmou a simbologia tradicionalmente associada ao escorpião, como elemento iconográfico com significâncias apotropaicas. Para tal, como começámos por referir, contribuiu em muito a sua natureza ctónica, que o dota de uma dualidade englobante, permitindo-lhe afirmar-se como símbolo que sugere e apela tanto aos princípios de abundância/vida como de carência/morte. Contudo, o diálogo que este animal estabelece com os elementos das cenas analisadas, assim como a sua presença em selos identificados tanto em estruturas cúlticas, como habitacionais (e, mesmo, numa sepultura doméstica), leva-nos a considerar que o escorpião foi entendido, já nestes períodos, como uma manifestação divina, com uma amplitude de acção lata. O carácter simultaneamente imanente e transcendente das divindades mesopotâmicas, que lhes conferia uma presença ubíqua em todas as esferas da realidade e um poder incomensurável ⁶² contribuí, de igual modo, para esta possibilidade.

Como vimos, a representação do escorpião no mesmo plano que o crescente lunar e a estrela/roseta indicia uma paridade, cuja explicação pode residir na partilha de uma natureza astral (já que, pelo menos, desde Jamdat Nasr, o escorpião se encontrava associado à constelação homónima). Tendo em conta a importância de Nanna/Sîn e Inanna/Ištar, “deuses-astros” maiores do sistema religioso mesopotâmico, *ab initio*, a sua representação como coprotagonistas do escorpião (animal-constelação) tinha, necessariamente, de ser explicada por uma grandeza divina similar.

Simultaneamente, identifica-se uma clara relação entre o escorpião e dois núcleos de divindades, cujo denominador comum é Inanna/Ištar. Recordemos que vários dos selos foram identificados nas estruturas cúlticas dedicadas a Nanna/Sîn e a Šara (pai e filho da deusa, em épocas recuadas), o que sugere uma partilha de funções cósmicas do escorpião com esta família divina (como a tutela da abundância/fertilidade e a natureza e comportamento astral, cuja dualidade é evidente tanto

62 Saggs 1978, 187.

na divindade lunar como na “estrela da manhã e da tarde”⁶³). Por outro lado, a sua associação com a cobra/serpente e a simbologia crónica de ambos, conduzem às referidas ideias de morte, cuja divindade tutelar, ao longo do III milénio a.C., era Ereškigal, irmã de Inanna/Ištar.⁶⁴ Curiosamente, a divindade com quem o escorpião é tradicionalmente identificado, a partir do II milénio a.C., Išhara,⁶⁵ é também uma divindade profundamente ligada a Inanna/Ištar, sendo mesmo considerada sua hipóstase, como já referido.

Quem seria, então, esta divindade-escorpião? Seria uma forma embrionária de Išhara, ou uma divindade independente com características semelhantes, entretanto absorvida por esta hipóstase de Inanna/Ištar? Faria parte do(s) núcleo(s) familiar(es)/funções cósmicas mais antigo(s) desta famosa deusa? Seria só uma entidade ou várias, neste longo tempo, entre finais do IV milénio a.C. e o fim do período Dinástico Inicial? Seria já feminina ou terá detido uma identidade masculina?

A natureza profundamente cumulativa e sincrética do sistema religioso mesopotâmico, onde as conjunturas históricas específicas, assim como os múltiplos substratos culturais e religiosos, contribuíram, sistematicamente, para a (re)construção das divindades⁶⁶ (sendo mais que provável que existam figuras divinas que ainda hoje desconhecemos), impedem-nos de responder, neste momento, a estas (e outras) questões. Todavia, considerando todas as evidências analisadas, e tendo consciência que este estudo se afirma, ainda, como preliminar, tendemos a aceitar a possibilidade de o escorpião ter sido concebido como uma manifestação divina, na iconografia destas épocas recuadas.

63 Numa outra ocasião, elaborámos sobre a escolha calculada dos laços familiares e consequentes associações de funções e comportamentos entre Nanna/Sin, Inanna/Ištar e Utu/Šamaš, filho do primeiro e irmão da segunda. Segundo o nosso estudo, esta associação foi motivada, originalmente, pela partilha de luminosidade e movimento/desaparecimento na abóboda celeste (Almeida et Rosa, 2021).

64 Considere-se, ainda, como a famosa incursão desta deusa ao Inframundo, na composição mítico-literária conhecida como *A Descida de Inanna/Ištar ao Inframundo*, com o intuito de usurpar o trono a Ereškigal, pode manifestar ecos de uma tradição anterior, onde as duas irmãs se confundiam numa entidade única que tutelava a vida e a morte. Neste sentido, a ligação de Inanna/Ištar a ideias de vida e morte pode ter sido mais profunda, embora se mantenha sempre presente no seu domínio sobre a sexualidade e a batalha e na sua natureza liminar paradoxal (Harris 1991; Abusch 2000). Acerca da confusão identitária entre Inanna/Ištar e Ereškigal, veja-se Almeida (2015, 265-332). Veja-se, ainda, a referida composição, nas línguas suméria e acádica, respectivamente, em *ETCSL* (1.4.1) e Dalley (2000, 154-162).

65 Sendo que, como já referimos, Išhara passa a identificar-se com a constelação homónima, assim como com as funções de potenciar a sexualidade/fertilidade e de infligir/curar doenças.

66 Recordem-se as palavras de Oppenheim: “Mesopotamian religion presents itself as a complex, multilayered accumulation. Local developments under political pressure, stunted growth and mutations of uncertain origin at any given moment in time yield what may be considered a clastic conglomerate.” (1977, 180-81).

ANEXO A

Caracterização do conjunto de selos cilíndricos

Tabela 1 – Estilo/Período Jamdat Nasr e DI I

N.º ⁶⁷	Estilo	Datação	Arqueossítio	Locus/nível
81 (Pl. 10)	Jamdat Nasr	Jamdat Nasr	Khafajah	Q 42: 24/ “Templo de Sin” IV
187 (Pl. 18)	Jamdat Nasr	Jamdat Nasr	Khafajah	Q 42: 24/ “Templo de Sin” IV
192 (Pl. 18)	Jamdat Nasr	Jamdat Nasr	Khafajah	Q 42: 24/ “Templo de Sin” IV
853 (Pl. 80)	Jamdat Nasr	DI II	Tell Agrab	M 14:2 (altar)/ “Templo de Šara” (32,65 m)
848 (Pl. 79)	Jamdat Nasr	DI II	Tell Agrab	M 14:2 / “Templo de Šara” (32,60 m)
809 (Pl. 74)	Jamdat Nasr	DI II	Tell Agrab	M 14:15 / “Templo de Šara” (31,00 m)
810 (Pl. 74)	DI I	DI II	Tell Agrab	M 14:15 / “Templo de Šara” (31,00 m)
304 (Pl. 30)	DI I	DI II	Khafajah	N 43:15/ “Casas IV”
259 (Pl. 26)	DI I	DI II ou III	Khafajah	J 46:1/ “Templo Oval” (Oval I)
563 (Pl. 53)	DI I	DI III	Tell Asmar	H 20:6/ “Casas Va”

Tabela 2 – Estilo/Período DI II e DI III

N.º	Estilo	Datação	Arqueossítio	Locus/nível
465 (Pl. 43)	DI II	DI II	Tell Asmar	D 17: 8 (Santuário I)/ “Templo de Abu” (Templo Quadrado I)
282 (Pl. 28)	DI II	DI II	Khafajah	Q 45:7/ “Templo de Nintu” (Nintu VII)
254 (Pl. 25)	DI II	DI II	Khafajah	L 44:5/ “Templo Oval” (Oval I)
244 (Pl. 24)	DI II	DI II	Khafajah	R 42:4/ “Templo de Sin” (Sin VIII)
559 (Pl. 53)	DI II ou III ⁶⁸	DI III	Tell Asmar	H 19:3/ “Casas Va”
553 (Pl. 52)	DI III	DI III	Tell Asmar	J 19:27/ “Casas Vb”
554 (Pl. 52)	DI III	DI III	Tell Asmar	H 20:38/ “Casas Vb”
502 (Pl. 48)	DI III	DI III	Tell Asmar	F 15:1/ “Palácio Norte” (nível principal)
320 (Pl. 32)	DI III	DI III	Khafajah	J 42:2/ “Casas (II ou III)” - Sepultura 126
332 (Pl. 33)	DI III	DI III	Khafajah	Q 43:2/ “Casas II”
359 (Pl. 35)	DI III	DI III	Khafajah	P 42:2/ desconhecido ⁶⁹
416 (Pl. 39)	DI III	Desconhecido	Khafajah	Tell A/ à superfície

67 Seguimos aqui a numeração indicada por Frankfort no seu catálogo (1955). Entre parêntesis, identificamos a Pl. onde a reprodução do selo se encontra.

68 Embora o estilo específico não tenha sido aventado por Frankfort, que apenas o catalogou como pertencendo ao Dinástico Inicial, as características da cena parecem apontar para o DI II ou III.

69 Zona afectada por escavações ilegais, o que impediu uma determinação específica do contexto do objecto.

ANEXO B

Selos cilíndricos dos estilos Jamdat Nasr e DI I



Fig. 1. Representação de um escorpião isolado, enquadrado por linhas horizontais. Khafajah , “Templo de Sin”.
 Datação: c. 3150-2900 a.C. (Jamdat Nasr).
 Impressão moderna de selo cilíndrico do estilo de Jamdat Nasr, em pedra rosa não especificada (2,8 x 1,0 cm).
 Instituto Oriental de Chicago (A17778); Frankfort 1955 Pl. 18, n.º 187.
Cortesia do Oriental Institute of the University of Chicago.



Fig. 2. Cena composta por motivos geométricos, enquadrada por linhas horizontais. No topo, é possível identificar o escorpião. Tell Agrab, “Templo de Sara”.
 Datação: c.3150-2900 a.C. (Jamdat Nasr).
 Impressão moderna de selo cilíndrico do estilo Jamdat Nasr, em pedra cinzenta não especificada (3,5 x 0,9 cm).
 Instituto Oriental de Chicago (A21714); Frankfort 1955 Pl. 74, n.º 809.
Cortesia do Oriental Institute of the University of Chicago.

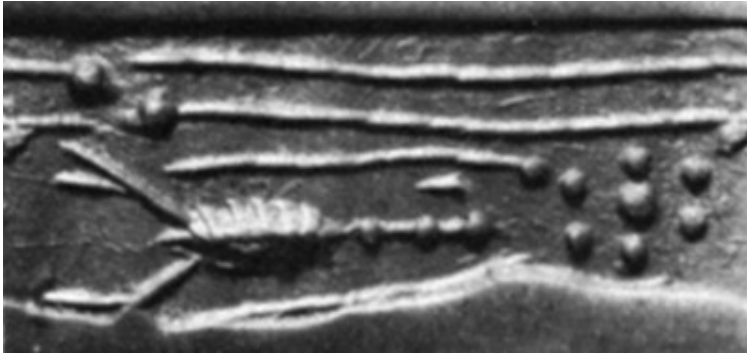


Fig. 3. Cena composta por um escorpião e por uma estrela/roseta, enquadrados, no topo, por linhas horizontais.
 Tell Agrab, *cella* do “Templo de Šara” (M 14:2).
 Datação: c. 2750-2600 a.C. (DI II).
 Impressão moderna de selo cilíndrico do estilo Jamdat Nasr, esteatite vidrada (2,1 x 1,5 cm).
 Localização actual desconhecida; Frankfort 1955 Pl. 79, n.º 848.
 Cortesia do Oriental Institute of the University of Chicago.



Fig. 4. À esquerda, identifica-se a representação estandardizada da estrutura cültica. À direita, encontra-se uma cena sustentada por linhas ondulantes, um elemento fitomórfico no centro, possivelmente uma árvore/arbusto, enquadrado por duas filas verticais com elementos zoomórficos: dois escorpiões e possivelmente um lagarto (à esquerda, de cima para baixo) e três quadrúpedes chifrados (à direita).
 Tell Agrab, *cella* do “Templo de Šara” (M 14:2).
 Datação: c. 2750-2600 a.C. (DI II).
 Impressão moderna de selo cilíndrico do estilo Jamdat Nasr, em pedra preta não especificada (4,1 x 3,4 cm).
 Instituto Oriental de Chicago (A21629); Frankfort 1955, Pl. 80, n.º 853.
 Cortesia do Oriental Institute of the University of Chicago.



Fig. 5. Representação de vários quadrúpedes chifrados. Ao centro, enquadrado por estes, encontra-se o escorpião.

Khafajah, estruturas habitacionais (“Casas IV”).

Datação: c. 2750-2600 a.C. (DI II).

Impressão moderna de selo cilíndrico do estilo DI I, em pedra preta não especificada (4,0 x 1,0 cm).

Instituto Oriental de Chicago (A17105); Frankfort 1955 Pl. 30, n.º 304.

Cortesia do Oriental Institute of the University of Chicago.



Fig. 6. Cena composta por dois registros. No superior, encontram-se dois escorpiões a enquadrar um crescente lunar, assim como se identifica um furo de broca. No registro inferior, encontram-se três quadrúpedes chifrados e três furos de broca.

Khafajah, “Templo Oval I”

Datação: c. 2750-2600 a.C. (DI II) ou c. 2600-2340 a.C. (DI III).

Impressão moderna de selo cilíndrico do estilo DI I, em concha (2,5x 1,0 cm).

Museu Britânico (s/n); Frankfort 1955 Pl. 26, n.º 259.

Cortesia do Oriental Institute of the University of Chicago.

ANEXO C

Selos cilíndricos dos estilos DI II e III



Fig. 7. Cena composta por cobras/serpentes (em espiral, entrelaçadas) e, na lateral, por um escorpião. Khafajah, “Templo de Sin” (Sin VIII).
Datação: c. 2750-2600 a.C. (DI II).
Impressão moderna de selo cilíndrico do estilo DI II, em calcário (2,4 x 1,6 cm).
Instituto Oriental de Chicago (A12379); Frankfort 1955 Pl. 24, n.º 244.
Cortesia do Oriental Institute of the University of Chicago.



Fig. 8. Cena composta à direita, por duas figuras antropomórficas, deitadas uma sobre a outra, possivelmente consumando o acto sexual. Debaixo da estrutura onde se encontram deitadas, identifica-se um escorpião. À esquerda da cena, encontra-se uma outra figura antropomórfica de pé, assim como um crescente lunar, no topo. Esta figura encontra-se precedida por um vaso/jarro de onde saem tubos de beber, sendo que por baixo deste objecto, identificam-se ainda três furos de broca.
Tell Asmar, “Casas Va”.
Datação: DI II ou III (proposta dos autores).
Impressão moderna de selo cilíndrico do estilo DI, em pedra calcária (2,0 x 1,2 cm).
Museu Nacional do Iraque (s/n); Frankfort 1955 Pt. 53, n.º 559.
Cortesia do Oriental Institute of the University of Chicago.



Fig. 9. Cena composta por dois registos, separados por uma barra ondulante. No superior, identifica-se um escorpião a leadear a figura antropomórfica, que se encontra sentada, a segurar um tubo de beber que sai de uma vaso/jaro, colocado à sua frente. A seguir a este vaso, no topo, identifica-se o crescente lunar. No registo inferior, Frankfort (1955, Pt. 35) identifica uma águia invertida de asas abertas.

Khafajah, identificado à superfície.

Datação: Desconhecido.

Impressão moderna de selo cilíndrico do estilo DI III, em pedra preta não especificada (1,4 x 1,6 cm).

Museu Nacional do Iraque (s/n); Frankfort 1955 Pt. 39, n.º 410

Cortesia do Oriental Institute of the University of Chicago.



Fig. 10. Cena composta por vários elementos zoomórficos. À esquerda, identifica-se um escorpião e uma cobra/serpente, na base de um painel para inscrição (em branco). Imediatamente a seguir, identifica-se um felino (possivelmente um leão) a atacar o dorso de um quadrúpede, que, por sua vez, também se encontra a ser atacado na dianteira, por um leão. Este encontra-se entrelaçado com um outro leão que, igualmente, ataca um segundo quadrúpede chifrado.

Khafajah, “Casas II ou III” (sepultura n.º 126).

Datação: c. 2600-2334 a.C. (DI III).

Impressão moderna de selo cilíndrico do estilo DI III, em pedra verde translúcida (3,2 x 2,1 cm).

Instituto Oriental de Chicago (A11465); Frankfort 1955 Pl. 32, n.º 320.

Cortesia do Oriental Institute of the University of Chicago.

BIBLIOGRAFIA

- Abush, Tzvi. 2000. “Ishtar” *NIN-Journal of Gender Studies in Antiquity* 1: 23-28.
- Adams, Robert McCormick. 1965. *Land behind Baghdad – A History of Settlement on the Diyala Plains*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Almeida, Isabel G. 2015. *A construção da figura de Inanna/Ištar na Mesopotâmia: IV-II milénios a.C.* Tese de Doutoramento. Universidade NOVA de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/16014>.
- Almeida, Isabel Gomes de, et Maria de Fátima Rosa. 2021. “The Moon watching over the Sun and Venus: revisiting the Attributes and Functions of Nanna/Sin in Mesopotamia.” In *Ur in the Twenty-First Century CE Proceedings of the 62nd Rencontre Assyriologique Internationale at Philadelphia, July 11–15, 2016*, eds. G. Frame, J. Jeffers et H. Pittman, 91-103. Philadelphia: Eisenbrauns/The Pennsylvania State University Press.
- Archi, Alfonso. 2002. “Formation of the West Hurrian pantheon: The case of Ishara.” In *Recent developments in Hittite Archaeology and History – Papers in memory of Hans G. Güterbock*, eds. K. A. Yener et H. A. Hoffner Jr., 21-33. Winona Lake: Eisenbrauns.
- Asher-Greve, Julia M., et Joan Goodnick Westenholz. 2013. *Goddesses in Context: On Divine Powers, Roles, Relationships and Gender in Mesopotamian Textual and Visual Sources*. Fribourg: Academic Press / Vandenhoeck & Ruprecht.
- Assante, Julia. 2002a. “Sex, Magic and the liminal body in the Erotic Art and Texts of the Old Babylonian period.” In *Sex and Gender in the Ancient Near East, Actes de la XLV^e Rencontre Assyriologique Internationale (Helsinki, 2-6 July 2001)*, eds. S. Parpola et R. M. Whiting, 27-51. Helsinki: Neo-Assyrian Text Corpus Project.
- Assante, Julia. 2002b. “Style and Replication in ‘Old Babylonian’ Terracotta Plaques. Strategies for Entrapping the Power of Images.” In *Ex Mesopotamia Et Syria Lux: Festschrift für Manfred Dietrich Zu seinem 65. Geburtstag*, eds. M. Dietrich, O. Loretz, K. A. Metzler et H. Schaudig, 1-29. Münster: Ugarit-Verlag.
- Black, Jeremy, et Anthony Green. 1992. *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia - an illustrated Dictionary*. London: British Museum Press.
- Bottéro, Jean. 2004. *Au commencement étaient les dieux*. Paris: Hachette Littératures.
- _____. 1998. *La plus vieille religion en Mésopotamie*. Paris: Éditions Gallimard.
- Breniquet, Catherine. 2002. “Animals in Mesopotamian Art.” In *A History of the Animal World in the Ancient Near East*, ed. B. J. Collins, 145-168. Leiden: Brill.
- Brisch, Nicole. 2013. “Mesopotamian history: the basics.” In *Ancient Mesopotamian Gods and Goddesses*. Oracc and the UK Higher Education Academy. Acedido em Dezembro de 2020, <http://oracc.museum.upenn.edu/amgg/mesopotamianhistory/>
- Campbell, Stuart. 2010. “Understanding symbols: putting meaning into the painted pottery of Prehistoric Northern Mesopotamia.” In *The development of Pre-State Communities in Ancient Near East- studies in honor of Edgar Peltenburg*, eds. D. Bolger et L. Maguire, 147-155, Oxford: Oxbow Books.
- Collon, Dominique. 1987. *First impressions: cylinder seals in the ancient Near East*. London: British Museum Publications.
- _____. 2001. “How Seals were Worn and Carried: The Archaeological and Iconographic Evidence.” In *Proceedings of the XLV^e Rencontre Assyriologique Internationale, Part. 2: Seals and Seal Impressions*, eds. T. Abusch, P.-A. Beaulieu, J. Huehnergard, P. Machinist, P. Steinkeller, W. W. Hallo et I. Winter, 15-30. Bethesda: CDL Press.

- Cooper, Jerrold S. 2013. "Sex in the Temple." In *Tempel im Alten Orient: 7. Internationales Colloquium der Deutschen Orient-Gesellschaft (München 2009)*, eds. K. Kaniuth, A. Löhner, J. L. Miller, A. Otto, M. Roaf et W. Sallaberger, 49-58. Wiesbaden: Harrassowitz.
- Dalley, Stephanie. 2000. *Myths from Mesopotamia – Creation, The Flood, Gilgamesh, and others*. Revised edition. Oxford: Oxford University Press.
- Delougaz, Pinhas. 1940. *The Oval Temple at Khafajab*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Delougaz, Pinhas, et Seton Lloyd. 1942. *Pre-Sargonic Temples in the Diyala Region*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Delougaz, Pinhas, Harold D. Hill, et Seton Lloyd. 1967. *Private Houses and Graves in the Diyala Region*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Faculty of Oriental Studies, University of Oxford, "The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature" (ETCSL). Acedido em Dezembro de 2020, <http://etcsl.orinst.ox.ac.uk/>
- Frankfort, Henri, Seton Lloyd, et Thorkild Jacobsen. 1940. *The Gimlisa Temple and the Palace of Rulers at Tell Asmar*. Chicago: The University of Chicago Press
- Frankfort, Henri. 1955. *Stratified Cylinder Seals from the Diyala Region*. Chicago: University of Chicago Press – Oriental Institute.
- Frazer, James. (1922) 1978. *The Golden Bough. A Study in Magic and Religion: abridged edition*. London: Macmillan.
- Gilbert, Allan S. 2002. "The Native Fauna of the Ancient Near East." In *A History of the Animal World in the Ancient Near East*, ed. B. J. Collins, 3-75. Leiden: Brill.
- Goff, Beatrice L. 1956. "The Rôle of Amulets in Mesopotamian Ritual Texts." *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 19 (1/2): 1–39. doi.org/10.2307/750239.
- Gonçalves, Vera. 2019. *Redescobrimdo o Divino Feminino na Glíptica Mesopotâmica - A Região do Diyala (IV-II Milénios a.C.)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/90745>.
- Gonçalves, Vera, et Isabel Gomes de Almeida. 2021. "The Divine Feminine in Mesopotamia: the rosette/star and the reed bundle symbols in early Diyala's glyptic (c. 3100-2600 BC)." In *'In thy arms I lost myself' – Images, Perceptions and Productions in/ of Antiquity*, eds. H. T. Lopes, forthcoming. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing.
- Harris, Rivkah. 1991. "Inanna-Ishtar as paradox and a coincidence of opposites" *History of Religions*, 30 (3): 260-278.
- Hill, Harold D., Thorkild Jacobsen, et Pinhas Delougaz. 1990. *Old Babylonian Public Buildings in the Diyala Region, pt. I Excavations at Ischali, pt. II Khafajab Mounds B, C and D*. Chicago: The Oriental Institute.
- Jacobsen, Thorkild. 1976. *The Treasures of Darkness: A History of Mesopotamia Religion*. New Haven: Yale University Press.
- Katz, Dina. 2003. *The Image of the Netherworld in the Sumerian Sources*. Bethesda: CDL Press.
- Lambert, Wilfred G. 1990. "Ancient Mesopotamian Gods: Superstition, Philosophy, Theology." *Revue de l'histoire des religions* 207 (2): 115-130.
- Langdon, Stephen. 2014. *Tammuz and Ishtar: a monograph upon Babylonian religion and theology containing extensive extracts from the Tammuz liturgies and all of the Arbela oracles*. Oxford: Clarendon Press.

- Matthews, Roger J. 1992a. "Defining the style of the period: Jemdet Nasr 1926–28." *Iraq* 54: 1-34. doi:10.1017/S0021088900002461
- _____. 1992b. "Jemdet Nasr: The Style and the Period." *The Biblical Archaeologist* 55 (4): 196-203. doi.org/10.2307/3210314
- Microop, Marc Van de. 2005. *King Hammurabi of Babylon: A Biography*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Murat, Leyla. 2009. "Goddess İshara." *Ankara Üniversitesi Dil ve Tarih-Coğrafya Fakültesi Tarih Bölümü Tarih Araştırmaları Dergisi*. 28: 159-189. Doi:10.1501/Tarar_0000000422.
- Odisho, Anobel. 2004. *The Akitu Festival in Mesopotamia- the expression of royal ideology through Religion, Ritual and Architecture*. Ph.D. diss., University of California.
- Oppenheim, Adolf L. 1977. *Ancient Mesopotamia. Portrait of a Dead Civilization*. 2nd ed. Chicago: University of Chicago Press.
- Ornan, Tallay. 2005. *The Triumph of the symbol- pictorial representation of deities in Mesopotamia and the biblical image ban*. Göttingen: Academic Press Fribour Vandenhoeck & Ruprocht.
- Peyronel, Lucas. 2013. "Elam and Eshnunna: Historical and Archaeological interrelations during the Old Babylonian Period." In *Susa and Elam. Archaeological, Philological, Historical and Geographical Perspectives - Proceedings of the International Congress held at Ghent University, December 14-17, 2009*, eds. K. De Graef et J. Tavernier, 51-70. Leiden: Brill. doi.org/10.1163/9789004207417_005
- Pittman, Holy. 2013. "Seals and Sealings in the Sumerian World." In *The Sumerian World*, ed. H. Crawford, 319-345. New York: Routledge.
- Pizzimenti, Sara. 2019. "Fertility from the Sky: The Role of the Scorpion in the Ploughing Scenes on Akkadian Glyptic." In *Pearls of the - Studies on Near Eastern Art and Archaeology in Honour of Frances Pinnoch*, eds. M. D'Andrea, M. G. Micale, D. Nadali, S. Pizzimenti et A. Vacca, 761-775. Münster: Zaphon.
- Pongratz-Leisten, Beate. 2008. "Sacred Marriage and the Transfer of Divine Knowledge: alliances between the Gods and the King in Ancient Mesopotamia." In *Sacred Marriages - The Divine-Human Sexual Metaphor from Sumer to Early Christianity*, eds. M. Nissinen et R. Uro, 43-73. Winona Lake: Eisenbrauns.
- Porada, Edith. 1993. "Why Cylinder Seals? Engraved Cylindrical Seal Stones of the Ancient Near East, Fourth to First Millennium B.C." *The Art Bulletin* 75 (4): 563–582. doi.org/10.2307/3045984.
- Porter, Barbara Nevlng, ed. 2009. *What is a God? - anthropomorphic and non-anthropomorphic aspects of Deity*. Winona Lake: The Casco Bay Assyriological Institute.
- Reichel, Clemens. 2018. "Centre and Periphery - the Role of the 'Palace of the Rulers' at Tell Asmar in the History of Ešnunna (2,100 –1,750 BCE)." *CMS Journal* 11/12: 29-53.
- Saggs, Henry W.F. 1978. *The Encounter with the Divine in Mesopotamia and Israel*. London: Athlone Press.
- Scurlock, Jo Ann. 2002. "Animals in Ancient Mesopotamian Religion." In *A History of the Animal World in the Ancient Near East*, ed. B. J. Collins, 361-387. Leiden: Brill.
- Silva, Jaime. 2020. *O ambiente aquático da Baixa Mesopotâmia e os seus significados simbólicos (IV-III milénios a.C.)*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa.
- Steinkeller, Piotr. 1999. "On Rulers, Priests and Sacred Marriage: tracing the Evolution of Early Sumerian Kingship." In *Priests and Officials in the Ancient Near East- Papers of the 2nd colloquium on the Ancient Near east- The city and its life, held at the Middle Eastern Culture Center in Japan (Tokyo, 1996)*, ed. K. Watanabe, 103-137. Heidelberg: Universitätsverlag C. Winter.

- Stordeur, Danielle. 2010. "Domestication of plants and animals, domestication of Symbols?" In *The development of Pre-State Communities in Ancient Near East- studies in honor of Edgar Peltenburg*, eds. D. Bolger et L. Maguire, 123-130. Oxford: Oxbow Books.
- Szarzynska, Krystyna. 2000. "The cult of the goddess Inana in Archaic Uruk." *NIN-Journal of Gender Studies in Antiquity* 1: 63-74.
- Teissier, Beatrice. 1984. *Ancient Near Eastern cylinder seals from the Marcopoli Collection*. Berkeley: University of California Press.
- The British Museum, "Collection objects".. Acedido em Dezembro de 2020, https://www.britishmuseum.org/collection/object/W_1898-0216-65.
- The Oriental Institute of the University of Chicago, "Diyala Archaeological Database" (DiyArDa). Acedido em Dezembro de 2020, [https://diyalaproject.uchicago.edu/ords/f?p=105:111:::~](https://diyalaproject.uchicago.edu/ords/f?p=105:111:::)
- The Oriental Institute of the University of Chicago, "Diyala Project". Acedido em Dezembro de 2020 <https://oi.uchicago.edu/research/projects/diyala-project>.
- Van Buren, E. Douglas. "The Scorpion in Mesopotamian Art and Religion." *Archiv Für Orientforschung* 12: 1-28.
- Van Dijk, Renate M. 2016. *The Form, Function and Symbolism of Standards in Ancient Mesopotamia during the Third and Fourth Millennia BCE: An Iconographical Study*. PhD diss., Stellenbosch University <http://hdl.handle.net/10019.1/98400>.
- Vantiphout, Herman. 2009. "Die Geschöpfe des Prometheus, or, How and Why did the Sumerians create their gods?" In *What is a God? - anthropomorphic and non-anthropomorphic aspects of Deity in Ancient Mesopotamia*, ed. B. N. Porter, 15-40. Winona Lake: The Casco Bay Assyriological Institute.
- Westenholz, Joan G. 2009. "Inanna and Ishtar in the Babylonian World." In *The Babylonian World*, ed. G. Leick, 332-347. London: Routledge.
- Zajdowski, Karol. 2013. "Transformation of the Mesopotamian Banquet Scene into the Presentation Scene in the Early Dynastic, Akkadian and Ur III Periods." *Akkadica* 134: 1-16.



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

OBJECTIVOS E ÂMBITO

AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também consideradas para publicação, bem como propostas de dossiers temáticos a publicar em números regulares da revista ou números temáticos a publicar em suplemento.

Cadmo – Journal for Ancient History yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published works on the aforementioned subjects are also welcome, as well as proposals for thematic dossiers to be published in regular issues or of thematic issues to be published as a supplement.

CH
-UL

CENTRO DE
HISTÓRIA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA